

BOI CALEMBÁ

Documentário (Etnoantropologia), 35mm, 10 minutos, sem diálogos - Rio Grande do Norte

Produção, direção, fotografia, câmera

Enredo: Visconti Cavalleiro

Pesquisa de campo

Luz de Câmara

Narração

Suzana de Moraes

Sem diálogos

Pieter Le Corre

Títulos

Lançado: Visconti Cavalleiro

Laboratório

Lider

Sem

Técnico

EXPOSIÇÃO FOLCLÓRICA BRASILEIRA

Catálogo dos filmes de Elyseu Visconti Cavalleiro

Este filme foi realizado em São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte. O grupo responsável pela produção e distribuição é o Centro de Cultura e Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O filme é um documentário de etnografia, realizado em São Gonçalo do Amarante, Rio Grande do Norte, em 1978. O filme foi produzido e distribuído pelo Centro de Cultura e Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O filme é um documentário de etnografia, realizado em São Gonçalo do Amarante, Rio Grande do Norte, em 1978. O filme foi produzido e distribuído pelo Centro de Cultura e Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Elyseu Visconti Cavalleiro, cineasta, pintor e fotógrafo, teve suas primeiras experiências no cinema como cinegrafista de reportagens para a TV, aperfeiçoando-se em dois anos de cursos em universidades na França e Tchecoslováquia. No Brasil, estruturando sua própria produtora de filmes, dirigiu dois longas-metragens: OS MONSTROS DE BABALOO e LOBISOMEM, O TERROR DA MEIA-NOITE. Especializando-se em filmes sobre arte e pesquisa folclórica, escreve, produz, dirige, fotografa e edita a trilha sonora de seus filmes. Além dos documentários participantes desta mostra, realizou também os curtas GIUVENTÚ sobre a obra do pintor Elyseu Visconti, ELYSEU VISCONTI – ARTE GRÁFICA E INDUSTRIAL, AS SERTANEJAS, sobre Antonio Parreiras, MONÓLOGO e SEMANA DA CULTURA BRASILEIRA em Praga, além de vários documentários de arte, cultura e religião de vários países do Oriente, bem como o science-fiction A MULHER DO CALCANHAR DE MÁRMORE, em 16mm, rodado na Turquia, Índia, Ceilão, Nepal e Botafogo, no Rio de Janeiro.

BOI CALEMBA

Documentário (Eastmancolor), 35mm, 10 minutos, som direto, 1979 – Rio Grande do Norte

Produção, direção, fotografia, câmera:

Elyseu Visconti Cavalleiro

Pesquisa de campo e texto:

Luís da Camara Cascudo

Narração:

Suzana de Moraes

Som direto:

Pietro La Camera

Títulos:

Leonardo Visconti Cavalleiro

Laboratório:

Líder

Som:

Tecnisom

Este filme foi rodado em São Gonçalo do Amarante, na Ribeira do Potengi.

O grupo que interpreta as cantigas é do mestre Pedro Guajiru.

São 12 figurantes, acompanhados de rebeca, cavaquinho e pandeiro.

O bumba-meu-boi, boi-calemba, boi-bumbá ou simplesmente boi é um auto popular formado no Norte do Brasil, da Bahia para cima, pela reunião de vários reisados tradicionais, ao redor da Dança-do-boi, possível reminiscência das tourinhas de Portugal.

Era um arremedo grotesco das touradas cavaleirescas. Festas em honra ao boi existiram ou existem em todas as regiões pastoris do mundo. Porém nelas não havia cantiga nem dança, o boi dançando é *copyright* brasileiro.

O boi-calemba é trabalho mestiço, imaginação, malícia congênita do mulato. Nele está o brasileiro em alegria, sátira, sentimentalismo, piedade, justiça e arbítrio, samba e oração. O motivo central é extremamente simples: o amo confiou o boi a um vaqueiro e este o matou. Antes e depois do sacrifício intervêm animais, monstros, figuras dançando, uma sucessão de cenas sem maior ligação com o assunto central.

Ao redor deste tema gravitam as pequeninas cenas da vida pastoril, danças, ciúmes de escravos, o curioso que vinha curar o Boi, as figuras do mundo ambiente, o jaraguá, macaco, cabra, burrinhas, cavalos, os assombros trazidos nas estórias infantis, fantasma, diabo, gigantes, bichos fabulosos da fauna ameríndia.

Morto o animal, tendo antes dançado e espalhado a gente, aplicam remédios e fazem promessas e oferecimentos para restituir-lhe a vida. Algumas vezes ocorre esse episódio, voltando o Boi a viver e dançar.

Noutras regiões, fazem a partilha, original e cômica, das vísceras, peça por peça, em verso, destinando-as aos figurantes do auto ou a pessoas estranhas mas conhecidas pelo auditório.

Quadrinha

O colchão
é de meu patrão
o filé
do seu coroné
carne de rabada
é da rapaziada
a tripa lavada
da muié casada
a tripa escorrida
da muié parida

a tripa gaitêra
da muié sortêra
o peso do bofe
é do véio Teofe
a fuçura
é do véi Ventura
os dois mocotó
num vendo e nem dou:
é dois de vovó
e dois de vovô.

oooo

FOLIA DO DIVINO

Documentário, preto e branco, 35mm, 10 minutos, sonoro – 1968

Produção e direção: Elyseu Visconti Cavalleiro

Fotografia: L.F. Graça Mello

Montagem: Manuel de Oliveira

Direção musical: Elyseu Visconti Cavalleiro

Pesquisa: Ana Teresa Lemos Ramos

Texto: Elyseu Visconti Cavalleiro

Laboratório: Líder Cine Laboratório

Foi rodado na cidade de São José de Mossâmedes no Estado de Goiás e registra a tradição do culto ao Divino Espírito Santo, instituído em Portugal no século XVI pela rainha Isabel. Veio para o Brasil por intermédio dos colonos chegados de Açores. Atualmente, ao cerimonial de coroação do Imperador, préstito e procissão, foram acrescentadas danças e canções profanas que lhe deram caráter popular. Essa tradição que há mais de duzentos anos vem sendo mantida no Brasil encontra-se em declínio e o filme teve a felicidade de registrar uma das derradeiras folias a cavalo do país. A folia apresenta-se com características locais relativas ao padrão econômico e cultural da região. O filme inclui farto material de pesquisa musical realizada no local, como catiras, folias e demais cantos e danças folclóricas típicas.

oooo

FEIRA DE CAMPINA GRANDE

Rodado em Campina Grande, Paraíba, em 1979. 35mm, Eastmancolor, 10 minutos.

Fotografia, câmera e direção: Elyseu Visconti Cavalleiro

Montagem: Rubens Amorim

Som direto: Pietro La Camera

Assistência: Antônio Quaresma

Texto: Francisco Pereira Júnior

Narração: Jorge Ramos

Laboratório: Líder

A cidade de Campina Grande nasceu da feira que tem representado o principal motor de propulsão econômica da vasta região que tem Campina Grande como centro e se estende até os confins de Pernambuco e do Ceará.

Situada nas bordas orientais do planalto da Borborema, o grande campina verdejante dos fins do século XVII começou por servir de pouso aos boiadeiros que se dirigiam ao litoral. Situada numa região propícia à cultura da mandioca, logo surgiram as primeiras grandes casas de farinha que vieram definir o povoado como um centro comercial da mandioca na sua primeira fase. A vila prosperou e no início do século XIX passou a receber um maior afluxo comercial com a transferência para a vila de uma grande feira de gado que a levará à sua segunda fase, a do gado.

A cada dia Campina Grande foi-se afirmando como cidade-mercado, a sua influência já atingia todo o interior da região, ao mesmo tempo em que se transformava na Porta Oriental do Sertão da Paraíba e, também, do Rio Grande do Norte e mesmo do Ceará.

Com a chegada do trem em 1907 se inicia o terceiro ciclo econômico da cidade, o do algodão. Por volta de 1936, a feira de algodão de Campina Grande era a terceira praça do mundo, e a cidade já contava, nessa época, com alguns estabelecimentos de crédito que realizavam as grandes transações financeiras para qualquer parte do globo.

Os pólos antagônicos, sertão e litoral, sempre se fizeram presentes em Campina Grande, fazendo da cidade um verdadeiro termômetro dos acontecimentos da natureza e da sociedade. Não é de se estranhar que tenha sido na feira que se verificaram os principais acontecimentos históricos que em Campina Grande nasceram ou tiveram apoio da população. Assim aconteceu com a revolução de 1817, a revolução do Equador e a Praieira. Essas revoluções, que geralmente tinham cunho patriótico, guardavam no seu íntimo as revoltas contra as opressões dos impostos de além-mar e, depois, do Império. Era na feira que se exercia a tirania.

Foi aqui que irrompeu a revolta do Quebra-Quilos, em 1874. Movimento eminentemente popular, a revolta se espalhou rapidamente por toda a região paraibana e se alastrou pelas vizinhas, chegando até Alagoas quando se pôs em execução a lei do sistema métrico decimal, que, não sendo compreendida pela população, faz explodir o barril de pólvora. Daí o nome de Quebra-Quilos.

Com o passar dos anos, a feira de Campina Grande foi se transformando de feira rústica de cereais em feira diversificada de outros produtos, tornando-se a principal fonte de abastecimento das outras, passando a ser a 'feira das feiras'. Para ela convergem produtos típicos do Brejo, do Sertão, do Cariri e do Agreste e sua abrangência comercial atraía aventureiros que na cidade vinham fazer fortuna. As dezenas de estradas abertas à cidade praticamente existem em função da feira. Aqui nasceu o espírito inventivo do povo campinense que começou a projetar um largo artesanato de couro, madeira e metal ainda hoje existente, inclusive com aproveitamento do lixo industrial.

Participar da feira é descobrir todo um depositário de valores culturais, e o folclore está sempre presente em cada parte: na voz dos cantadores, nos conjuntos de forró, no canto das cequinhas que contam estórias de princesas ou fábulas mirabolantes. A feira é, conseqüentemente, um grande centro de comunicação, onde o arquivo das informações de cultura regional é a memória coletiva.

oooo

CABOCOLINHOS TAPIRAPÉ

Produção, direção e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro

Pesquisa, texto e narração: Ana Teresa Lemos Ramos

Montagem: Rubens Amorim

Som direto: Júlio Romiti

Créditos: Leonardo Visconti Cavalleiro

Laboratórios: Líder Cinematográfica – Rio

Som: Tecnisom – Rio

Filme documentário 35mm, Eastmancolor, 10 minutos, Recife, 1978

Até fins do século XVIII falava-se em caboclo no Brasil e entendia-se como indígena. Os primeiros caboclos pretos e mulatos como os que hoje brincam nos cabocolinhos surgiram quando há mais de cento e cinquenta anos a imagem do livre caçador habitante das matas passou a ser cultuada nos terreiros como símbolo daquele que não se deixou escravizar. O caboclo tornou-se, entre os escravos, mito e símbolo de nova nacionalidade, preenchendo os elos da relação com as forças da natureza – fogo, vento, terra, rios e cachoeiras, numa natural transposição dos seus pontos de referência da África perdida.

O caboclo religioso e o cabocolinho lúdico são faces de um mesmo ser-intenção e expressão, símbolo e ação. Os cabocolinhos dos mocambos de Recife são uma das formas de expressão artística popular – brincadeira e jogo – em que esses elos ainda se revelam preservados.

Assim é que a forma da dança e da indumentária ainda se reportam aos terreiros. Várias influências ricas da grande cidade moldam sua atual fisionomia: as primitivas penas de ema de que se utilizavam nossos indígenas hoje provêm de espanadores e

se tingem de anilinas exuberantes visando maior efeito para os concursos e desfiles. A elas se misturam a purpurina e os vidrilhos, como chuvas de estrelas de neon — o sonho do primeiro lugar na passarela. Do alto do zé-do-pinho, em seu barraco-taba, os Tapirapés, entre outros cabocolinhos que se lançam à conquista do carnaval do Recife, não escondem, como não esconde seu presidente, a obediência a seus guias protetores de terreiros. E como tantos outros, aliando a obrigação para com o santo com a obrigação de brilhar, empregam todos os seus esforços para não deixar de sair no Carnaval, manter viva a tradição e a homenagem ao caboclo dono da terra.

0000

TICUMBI

Documentário, colorido (Eastmancolor), 35mm, 10 minutos, som direto.

Produção e direção: Elyseu Visconti Cavalleiro

Câmera e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro

Direção de produção: folcloristas Hermógenes da Fonseca e Rogério Medeiros

Som direto: Tecnisom (César)

Montagem: Rubens Amorim

Assistente geral: Ana Teresa Lemos Ramos

Laboratório: Líder — Rio

Registro da festa do ticumbi como se apresenta na cidade de Conceição da Barra, Espírito Santo, executada pelos remanescentes do quilombo local, notável pela pureza étnica. A festa do Ticumbi é a dramatização da disputa entre o rei-congo e rei-bamba e suas respectivas cortes. São 16 personagens e um violeiro, que dançam e cantam ao som de vigorosos pandeiros de influência árabe. O ticumbi é festejado durante a passagem do ano e reúne assistência dos povoados vizinhos que se desloca de barco, cavalo ou mesmo a pé. A participação na dança é vitalícia e é regida por hierarquia no quilombo. Cada personagem só é substituída por invalidez ou morte, geralmente por seu filho ou parente próximo.

O filme inclui: entrada, volta do corpo de baile, corrida de contraguia, despacho dos secretários, guerra declarada, guerra travada, batizado de rei-bamba por rei-congo, empire de rei-bamba por rei-congo, empire, versos do corpo de baile, ticumbi, roda grande, marcha de saída e chulata.

0000

MARACATU ESTRELA DA TARDE

Produção, direção e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro

Pesquisa, narração e créditos: Ana Teresa Lemos Ramos

Som direto: Júlio Romiti

Montagem: Rubens Amorim

Laboratórios: Líder Cinematográfica — Rio

Estúdios de som: Tecnisom — Rio

Realizado com a colaboração do Instituto Joaquim Nabuco — Recife

Documentário 35mm, Eastmancolor, 10 minutos, Recife, 1978

Os maracatus se originaram nos cortejos reais ligados à coroação dos reis-congos que se realizaram no Brasil desde o século XVII. No início eram um auto popular com teatro, canto, música e dança, atividades essas que serviam para encobrir sua essência religiosa, hermeticamente mantida no interior dos pejis das mães-de-santo, rainhas do maracatu. Nesse século, a mais influente dessas mães tradicionais foi Maria Júlia do Nascimento, a venerada Dona Santa, que dedicou toda sua vida aos maracatus. Terminou como rainha do maracatu Elefante que se extinguiu com sua morte em 1962. Esses maracatus urbanos ou de baque virado, ritmicamente apoiados na percussão dos grandes tambores africanos, são conhecidos como maracatus-nação e embora vários grupos tenham contribuído na sua formação sente-se predominante influência banto. Iansã é considerada a dona do maracatu e a ela são feitas oferendas nas vésperas dos desfiles. A calunga ou boneca respeitosa levada por sua empregada, a dama do passo, é o depósito das forças protetoras ou madrinhas dos maracatus. Outras personagens são o rei, as baianas, os vassalos e os batuqueiros que, dedicados a suas zabumbas, não dançam. Na Zona da Mata, região tradicionalmente ligada à cana de açúcar, um outro tipo de maracatu se desenvolveu. É o chamado maracatu de baque solto ou maracatu rural. Nele a função religiosa, se algum dia houve, já se perdeu. Fruto de uma região que se viu envolverda em sucessivas guerras e revoltas, esse maracatu tem na agressividade de sua coreografia a tônica principal. Há uma analogia de posturas e atitudes entre os grupos cangaceiros e os maracatus rurais: a mesma arrogância, a mesma preocupação de fazer-se temido, os mesmos gestos ao segurar um rifle ou uma lança-de-coração-de-negro. Chegam mesmo a ser comuns as disputas entre grupos de maracatus quando se encontram no campo. Os caboclos de lança são as figuras centrais e o branco está representado pelo mestre em seus trajes citadinos, puxando as quadras de duelos de rimas e ofensas. Sobressai o imponente tuxaua, ornamentado em suas ricas penas de pavão e óculos espelhados enquanto as baianas desfilam suas calungas de plástico e cabelos de nylon. A exuberância das cores dos bordados de vidrilhos das fantasias são mais um dado feérico.

0000

CAVALO MARINHO DA PARAÍBA

Rodado na cidade de Bayeux — Estado da Paraíba, 1979

Produção, direção, câmera e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro

Texto: Luís da Camara Cascudo

Narração: Suzana de Moraes
Assistência: Antônio Quaresma
Montagem: Rubens Amorim
Som direto: Pietro La Camera
Títulos: Leonardo Visconti Cavalleiro
Supervisão: Tenente Lucena
Laboratório: Líder
Som: Tecnisom

O cavalo-marinho é um dos mais tradicionais autos de Natal conservados pelo povo do Norte e Nordeste do Brasil.

Continua ambientado pela assistência mais humilde, competente nos aplausos, seguindo o grupo para contemplar o espetáculo secular. Irradiou-se das zonas açucareiras e pastoris para o extremo Norte. Foi a forma que tivemos da península Ibérica, o Boi amedrontador dos meninos inquietos.

A mais antiga menção é do mal-humorado registro do padre Lopes Gama, n' *O Carapuço*, janeiro de 1840 no Recife.

"Todo o divertimento cifra-se em o dono de toda esta súcia de se fazer dançar, ao som de violas, pandeiros e de uma infernal berraria, o tal bêbado Mateus, a Burrinha, a Caipora e o Boi que, com efeito, é animal muito ligeirinho, trêfego e bailarino."

Segue atraindo outros elementos, ampliando a área de função, seduzindo as atenções populares, alistando-se como uma homenagem e festa de natalidade. Depois, por volta de 1910, apareceu a negra Catirina, faladeira, desbocada e responzona.

O auto de Natal que vemos na cidade de Bayeux, na Paraíba, preenchendo para o povo as horas longas de espera da missa do galo, é uma rara sobrevivência dessa forma primitiva, que mais tarde em outros lugares viria a se denominar bumba-meu-boi.

Até certo ponto funciona como as antigas revistas de costumes, sacudindo o teatro nas gargalhadas comunicantes.

Nenhum outro auto popular possui como o cavalo-marinho a vocação satirizante, incontida, lógica, realizada no meio da mais pobre das assistências compreensivas.

O auto finda, como no século XVI, por uma dança geral, em que todas as personagens voltam ao público para a farândola terminal.

José Raimundo da Silva	mestre
João Rodrigues dos Santos	contra-mestre
Severino José Guilherme	1º galante
Gilvan Júlio Soares	2º galante
Severino José Guilherme	3º galante
Raimundo Pedro	4º galante
Armando Bento Sobrinho	1ª dama
José do Nascimento Pereira	2ª dama
José Francisco Mendes	Mateu

Bichos:	
Margarida	1ª galante
Burra	Mateu
Bode	1ª dama
Cavalo e Arreliquim	mestre Cláudio José da Silva
Gigante	3ª galante
Mulher do gigante	1ª dama
Boi	1ª galante

Tocadores:

Arthur Ermínio da Silva	rabeca
Antônio Gomes da Silva	zabumba
João Antônio do Nascimento	pandeiro

24/04/79 – Paraíba

0000

BOM JESUS DA LAPA, SALVADOR DOS HUMILDES

Documentário, 35mm, colorido, 10 minutos, sonoro

Rodado em Bom Jesus da Lapa – Estado da Bahia

Produção e direção: Elyseu Visconti Cavalleiro

Pesquisa: Ana Tereza Lemos Ramos

Montagem: Rogério Esganzerla

Texto: Ipojuca Pontes

Narração: Talulah Abramo

Fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro

Direção musical: Elyseu Visconti Cavalleiro

Laboratório: Rex Filme

Créditos: Leonardo Visconti Cavalleiro

Focaliza a grande romaria realizada anualmente às margens do rio São Francisco, na Bahia, em veneração ao milagroso Bom Jesus da Lapa. Reúne os aspectos folclóricos, religiosos e econômicos do acontecimento e é um documento expressivo da cultura popular incluindo literatura de cordel, músicas folclóricas, ex-votos, artesanato e a grande feira realizada paralelamente às rezas, ladainhas e à grandiosa procissão.

São três dias de folguedos em que cerca de 400 mil romeiros vão reverenciar seu Bom Jesus milagroso, rezar e desobrigar-se de seus votos e promessas.

0000

GUERREIRO

Documentário (Eastmancolor), 35mm, 10 minutos, som direto, 1981 – Alagoas, Cajueiro

Produção, direção, fotografia e câmera: Elyseu Visconti Cavalleiro

Pesquisa de campo: Elyseu Visconti Cavalleiro

Texto: Professor Theo Brandão

Som direto: Jorge Saldanha

Laboratório: Lider

O auto dos guerreiros ou simplesmente guerreiro é um folguedo nascido na década de 1930 em Alagoas, pela mistura do reisado com o auto dos cabocolinhos. Reúne assim influências da Península Ibérica, negras e ameríndias. Como o reisado, é um festejo natalino onde o esplendor fica por conta da riqueza do vestuário, imitação dos antigos trajes de nobres da colônia, a que o espírito popular mestiço engalanou com fitas, espelhos, contas de aljôfar, enfeites de árvore de Natal, reverberação de mil brilhos sob o sol e as estrelas do sertão, sob os coqueirais e cajueiros de Alagoas. Mas o característico do guerreiro são os episódios que não se encontram no reisado, oriundos e imitados do cabocolinhos e dos pastoris. No guerreiro do Zé Pequeno, em Cajueiro, são os episódios da Estrela do Norte, da Estrela Brilhante e do cabocolinho, figuras que vêm ao centro, entre os cordões, e dançam e cantam as suas 'partes'. A 'parte' do índio Peri que substitui a guerra dos reisados, baseia-se no tema universal das danças dramáticas do Brasil e do estrangeiro: prisão, e, às vezes, morte de um guerreiro inimigo que tenta entrar no país. No final, tal como acontece em outros autos, o índio é solto e termina a sua 'parte' a dançar entre seus ex-inimigos. Então, chega o fim do folguedo. A *troupe* prepara-se para a retirada e canta as despedidas:

"Ô que saudade quando o guerreiro partiu

Quando segui dessa zona ispicia

Eu vou deixá tanta morena bonita

Que meu coração parpita mas eu não posso levá".

0000

PASTORIL

Produção, direção, câmera e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro

Rodado em 1982 no Rio Grande do Norte – São Gonçalo do Amarante

Montagem: Rubem Amorim

Som direto: Pietro Lacamera

Texto: Luís da Câmara Cascudo

Supervisão: Tenente Lucena

35mm, 7', Eastmancolor

Mixagem: Hélio Barroso

Presépios e Pastoris são elementos vitais, típicos e inarredáveis nas festas do Natal nordestino. Dizia-se "dançar a lapinha" e eram bailes pastoris que espalharam-se por todo o Brasil. Este, em São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte, guardou a excelência no exercício requadrado de saudar a Deus.

Outrora possuíam elementos básicos, idênticos, correlatos. Hoje modificam-se ao sabor das predileções locais e sucessivas, impulso de novidades, projeção de modelos longínquos imposta pela voz das emissoras, televisão, revistas ilustradas, cinema, sugestão de viajados, de reação estética e de ânsia remodeladora.

Os Pastoris dividem-se em duas facções: o cordão azul e o cordão encarnado. Com sua mestra e contramestra, cada cordão possui seus admiradores fervorosos, intransigentes, abnegados, intolerantes até a violência, com simpatias, namoros e chamegos. Dançam nos tablados públicos manejando os maracás e os quadris e há até o compadre para os efeitos cômicos e pilhérias quentes, e representam para o povo e não para o Menino Deus como antigamente.

0000

FILMES SOBRE ARTES PLÁSTICAS

ELYSEU VISCONTI – ARTE GRÁFICA E INDUSTRIAL

Documentário, preto e branco, 35mm, 8 minutos, sonoro

Produção e direção: Elyseu Visconti Cavalleiro

Argumento e roteiro: Elyseu Visconti Cavalleiro

Fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro

Daguerreótipos: Gabriel Prata

Montagem: Julio Bressane

Narração: João Batista Ferreira

Direção musical: Elyseu Visconti Cavalleiro

Letreiros: Leonardo Visconti Cavalleiro

Laboratório de imagem: Lider-Rio

Laboratório de som: Somil-Rio

Abrange as primeiras experiências no campo do desenho industrial e decorativo e em arte gráfica realizadas pelo pintor. Apresenta as decorações para edifícios públicos como o Teatro Municipal e o Conselho Municipal, cerâmicas com motivos da flora brasileira, projetos para lâmpadas de ferro, selos, cartaz a Santos Dumont e ex-libris, entre eles o da Biblioteca Nacional. O filme inclui farta documentação fotográfica mostrando a dinâmica e o trabalho deste pioneiro situando-o em sua

época em contato tanto com seus alunos e personalidades políticas quanto na natureza e na intimidade de sua família.



AS SERTANEJAS

Documentário, 35mm, colorido, 10 minutos, sonoro

Produção e direção: Elyseu Visconti Cavalleiro

Fotografia: Marco Bottino

Roteiro e direção musical: Elyseu Visconti Cavalleiro

Montagem: Elyseu Visconti Cavalleiro

Laboratório: Rex Filmes

Apresentação gráfica: Leonardo Visconti Cavalleiro

Filme sobre a vida e a obra do pintor fluminense Antonio Parreiras baseado nos trabalhos expostos no Museu Antonio Parreiras, antiga casa do artista em Niterói. Sua obra, que focaliza fatos históricos, indígenas, personalidades do governo e paisagem brasileira, deu uma contribuição viva em imagem pictórica às passagens de nossa história. Teve por isso na época imperial e das primeiras repúblicas a mesma importância que Rugendas e Debret em sua época.

Artista de técnica esmerada, foi muitas vezes laureado no Brasil e no exterior e sua contribuição foi reconhecida como valiosa por vários presidentes, governadores, professores e estudiosos que criaram condições para a continuidade de seu trabalho.



GIUVENTÚ

35mm, 10 minutos (cópia em 16mm)

Produção, direção e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro

Montagem: Geraldo Veloso

Narração: Maria Gladys

Som: Somil

Laboratório: Rex

Música: Patápio Silva, Villa-Lobos (Trenzinho de ferro), Carlos Gomes, Baden

Powell (Carinhoso), Pixinguinha e Benedito Lacerda (Naquele tempo)

Roteiro e argumento: Elyseu Visconti Cavalleiro

Este filme apresenta as obras mais importantes das diversas fases e técnicas da pintura de Elyseu Visconti.

Argumento didático: A obra de Elyseu Visconti, abrangendo 56 anos de intenso trabalho, caracteriza-se por um sentido de pesquisas múltiplas e de realizações de

grande valor pictórico que o colocam entre os maiores artistas brasileiros. É com Visconti que se inicia a arte moderna brasileira. Foi o primeiro artista a liberar-se dos cânones acadêmicos, rompendo com o academicismo estéril que havia na época, sendo o primeiro impressionista que tivemos, abrindo para nossos pintores um amplo campo de pesquisas em todas as correntes contemporâneas. Partindo em 1892 para a Europa com o prêmio de viagem da Escola de Belas-Artes, realizou estudos de arte renascentista. A evidente influência dos pintores pré-rafaelitas exerceu-se principalmente através de Botticelli. A obra-prima desta fase, "Giuventú", está atualmente exposta no Museu Nacional de Belas-Artes. Em 1909, sua chegada ao Brasil e o pintor lança-se a novas técnicas. Os primeiros trabalhos de cavalete aqui realizados revelam uma influência pontilhista. Sua pintura gradativamente vai-se impregnando da atmosfera brasileira. A fase de Teresópolis é uma das mais sensíveis. Esse período marca em sua pintura uma característica própria. A cor alegórica, rica em transparências e luminosidade, envolve a vegetação e as figuras que posam ao ar livre. A versatilidade de técnicas é uma das características fundamentais de Visconti, indo do pontilhismo e renascença ao abstrato. Trouxe para o Brasil a Medalha de Prata na Exposição Universal em 1900, realizada em Paris. Com variadas permanências no Brasil e na França, recebeu influências dos ambientes em que viveu: Andaraí e Paris, Santa Teresa e Saint-Hubert, Teresópolis e Copacabana, mas é raro o seu quadro em que não figuram a mulher e os filhos. Suas paisagens são sempre dos seus quintais e jardins. É considerado o pintor da família. Vivendo 78 anos e trabalhando até o fim, sua obra é um grande panorama de figuras, paisagens, situações íntimas, vivências felizes, não deixando nunca de registrar a grande extravagância brasileira. Disso são os melhores exemplos o pano de boca do Teatro Municipal e outras decorações que fez para edifícios públicos.



FILME DE FICÇÃO

OS MONSTROS DE BABALOO

Produzido e dirigido por Elyseu Visconti Cavalleiro

Fotografia: Renato Laclete

Ass. de fotografia e stil: Marco Bottino

Figurinos: Helio Eichbauer

Montagem: Geraldo Velloso

Ass. de produção: João Batista Ferreira

Elenco: Wilza Carla, Helena Inês, Betty Faria, Tania Scher, Zezé Macedo, Kasuo Kon, Jackson de Castro, Cleber Santos, D. Yolanda, Badu.

Uma aventura burlesca acontecia na misteriosa Ilha de Babaloo, que envolve a trágica família do Dr. Badu, industrial de punhos de ferro, rei do quiabo e do jiló da região.

No ano dos acontecimentos extraordinários que se seguem, Babaloo, paraíso perdido deste maravilhoso país, é dominada por Madame Bugarville (Wilza Carla), Boneca, sua filha (Helena Inês), Gardênia, amante do magnífico Dr. Badu (Betty Faria), e a Divina (Tânia Scher). Frinéia (Zézé Macedo), a empregadinha do palacete, super-sexy, venenosíssima, vive para vocês a história incrível desses carrapetas.

Permanentemente num delírio fantástico, os monstros passam semanas inteiras em jardins e gramados de Babaloo.

